

humanitas



Vol. LXII
2010

Não obstante o passar dos anos, esta obra destinada essencialmente a estudiosos de arqueologia, além de apontamentos de crítica textual, revela uma grande sensibilidade pessoal e uma enorme adequação pedagógica. Ninguém fica indiferente à variedade das escolhas, onde predominam títulos sobre fenómenos da natureza, desde inundações à célebre erupção do Vesúvio, referências a grandes obras, como cloacas, portos, canais, aquedutos, teatros e ginásios, templos e termas, bibliotecas e pórticos, *villae*, e ainda monumentos funerários, retratos, estátuas, jóias (artes figurativas). O conjunto encerra com uma selecção de aforismos estéticos que ajudam a compreender o gosto literário e retórico de Plínio o Moço.

O comentário, essencialmente arqueológico, como já foi sublinhado, e de grande riqueza, procura ensinar ao estudante “il metodo di interpretazione del testo coll'aiuto delle fonti antiche parallele, dei monumenti antichi e della letteratura scientifica moderna” (Prefazione, p. VI).

É neste domínio que merece destacar-se a excelente pesquisa bibliográfica (1936-2006) realizada por Anna Anguissola e exclusivamente dedicada às cartas seleccionadas. A listagem propriamente dita, com 139 títulos, é precedida de uma apresentação dos critérios de selecção das epístolas (paisagem natural, catástrofes naturais, funções edíficas públicas, correspondência entre Plínio e Trajano, vias, obras de arte, aforismos estéticos) e de uma resenha crítica por grandes temas: paisagem e fenómenos naturais; administração cidadina; as propriedades de Plínio; outras cartas com conteúdo de interesse histórico-artístico.

A introdução da autoria de P. Zanker é uma emotiva homenagem ao classicista e arqueólogo que, perseguido pelos nazis, saiu da Alemanha para a Itália e depois para os Estados Unidos, em 1935, aí se fixando definitivamente, mas sem perder os elos que o ligavam a Pisa.

FRANCISCO OLIVEIRA

PLUTARCO, *Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas de José Luís Lopes Brandão. Coimbra, CECH - *Classica Digitalia*, 2010.

J. L. Brandão acaba de traduzir uma das obras de Plutarco (c. 50 - c. 120), que sobreviveu na totalidade de entre as *Vidas dos Césares* que o autor terá escrito. A obra agora traduzida pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos/Classica Digitalia vem precedida de uma introdução completa

(Contexto Histórico, Tentativa de Interpretação da Crise, Entre a História e a Biografia, As Mortes – Relatos Exemplares) que permite ter uma visão da história real dos imperadores e do período que envolveu a sua ascensão e queda, mas também revela aspectos anedóticos e curiosidades, e faz algumas referências aos vícios e às virtudes dos imperadores. Poderíamos afirmar que depois deste trabalho académico temos uma visão completa do que foi viver neste período tão intenso da história de Roma *post* Nero. Cumpre ainda referir que este trabalho contribui para um melhor conhecimento desta época, não só porque se trata de um trabalho pioneiro de tradução em língua portuguesa mas também porque permite que o conhecimento da Antiguidade Clássica se expanda em latitude temporal. A expressão «Os Doze Césares» designa o nome de Júlio César e dos onze príncipes que reinaram depois dele: Augusto, Tibério, Cláudio, Calígula, Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano. Recorde-se que os seis últimos eram estranhos à família do vencedor das Gálias.

Um pouco depois de Plutarco ter escrito esta obra, mas em língua latina, Suetónio (c. 69 – c. 141) também escreveu uma dedicada à *Vida dos Doze Césares*, obra quase completa do autor, e aí reuniu a biografia dos doze primeiros imperadores. Graças à sua situação de secretário de Adriano, pôde conhecer, pelos arquivos e pela correspondência dos imperadores e dos seus colaboradores, uma quantidade de pormenores que o público ignorava. A sua obra é um repositório de informações preciosas, embora deva ser consultada com prudência, pois o autor aceitou muitas vezes sem questionar todas as lendas e rumores, sobretudo quando o seu teor era escandaloso; pelo contrário, passou em silêncio muitos actos efectuados durante o governo de cada um dos imperadores.

Quanto aos protagonistas das *Vidas* de Plutarco, reconstituiremos o seu perfil, de forma resumida, em parte com base no trabalho exemplar de tradução e de introdução à tradução de J. L. Brandão. Sérvio Sulpício Galba (3 a.C. - 69 d.C.), descendente de uma das mais nobres famílias romanas, alcançou rapidamente todas as honras, graças à protecção da imperatriz Lívia. Foi pretor aos vinte anos, governador da Aquitânia, cônsul em 33, chefe vitorioso dos exércitos da Germânia, obteve com Cláudio o proconsulado de África e com Nero o governo da Hispânia Tarraconense. Em todos estes cargos deu sinais de austeridade, por vezes excessiva, de vigilância e de dureza. Em 68, incomodado com os desvarios de Nero e animado por uma velha profecia que lhe prometia ascender ao primeiro lugar do Estado, fez-se proclamar imperador pelas tropas. Pouco tempo depois,

Nero morria, e Galba foi reconhecido pelo senado, pelas províncias e pelo exército. Foi severo contra os cúmplices de Nero e os seus seguidores, mas indulgente para com os seus. Recusou o *donatium* aos Pretorianos como forma de garantir o alistamento dos soldados e evitar o suborno. Por fim escolheu para seu sucessor Pisão, conhecido pela sua austeridade. Os Pretorianos sublevaram-se e proclamaram o general Otão, arrastando o resto das tropas. Galba acabou por ser assassinado com pouco mais de sete meses de governo.

Otão (32-69) foi na sua juventude um dos companheiros de prazer de Nero, o que não impediu que se indispusesse depois com ele. Tendo Nero tirado Popeia Sabina ao seu marido Rúfrio Crispino, prefeito das cortes pretorianas, mandou-a a Otão, pedindo-lhe que fingisse desposá-la. Porém, Otão enamorou-se de Popeia de tal maneira que fez valer os seus direitos de marido e recusou abrir as portas da sua casa ao imperador que, não tendo ficado contente com a situação, mandou anular o casamento e nomeou Otão governador da Lusitânia (cf. *Galba* 19.2-9). Após a morte de Nero, Otão declarou-se a favor de Galba e acompanhou-o a Roma. Uma profecia inspirara-o a ascender a imperador e ele pensara que seria adoptado por Galba. Pisão foi preferido. Otão comprou os Pretorianos a peso de ouro e, a 15 de Janeiro de 69, apelou a uma revolta e alguns soldados proclamaram-no imperador. Galba e Pisão foram assassinados no Foro, nesse mesmo dia. Os principais chefes militares reconheceram-no. A sua situação militar e política permaneceu instável, pois o senado não o apoiava e os Pretorianos não lhe davam inteira liberdade de acção. Vitélio marchou contra ele com as legiões da Germânia. Otão começou por vencer três batalhas, mas foi vencido em Bedríaco, pequena cidade perto de Cremona, no norte de Itália. Suicidou-se impelido pela acusação de ter motivado os seus concidadãos à guerra civil. Alguns dos soldados que lhe foram fiéis até ao fim «degolaram-se a eles próprios» (*Otho* 17.8-10). As *Vidas de Galba e Otão* de Plutarco e os testemunhos de Suetónio (*Vitae de Galba, Otão*) e de Tácito (*Histórias* I. 21-90; II. 11-50) não se extinguíram na Antiguidade. As suas biografias terão inspirado profundamente Pierre Corneille, que apresentou uma peça com o título do imperador *Otão*, em 1664. Esta obra não é das mais brilhantes do escritor francês, mas nela estão retratados os caracteres de Galba e Otão de forma admirável. Nesta peça trágica, Galba quer escolher um sucessor. É à volta deste tema e das intrigas geradas pelos mais próximos colaboradores e rivais que se desenrola esta tragédia.

O trabalho de J. L. Brandão sobre *As Vidas de Galba e Otão* dá a conhecer uma época conturbada do ponto de vista político e social, em que os corpos militares ansiavam pelo poder pessoal e pela governação, onde apenas há lutas intestinas, sem consequências graves para o Império já pacificado e onde já não há mais ambição por expansionismo. Percebe-se, desta dupla biografia, que foi difícil viver no dia-a-dia de uma época como esta e muito mais seria governar um Estado com a dimensão do Império Romano, repleto de interesses e divergências pessoais. Os governantes e aqueles que se encontravam perto dos governantes dedicavam a sua atenção aos defeitos humanos, concentrando-se em corroer o bem-estar de amigos e de inimigos, consoante os próprios interesses. Por isso mesmo, J. L. Brandão tem a cautela de referir que «os factos são confusos, como é natural em época de revolução» (p. 33).

Num dos capítulos introdutórios «Entre a História e a Biografia», o A. define os princípios históricos da biografia escrita de Plutarco que se prendem a «paradigmas de comportamento, de modo a promover ... a imitação (*mimesis*)» (p. 19). Prossegue o A. acrescentando referências às vidas destes imperadores através dos testemunhos deixados por Suetónio e por Tácito. Na análise apresentada são sublinhadas «as notórias diferenças de método na selecção e no uso de material» entre Plutarco e Suetónio, de que o A. é um franco e tenaz conhecedor (veja-se *Máscaras dos Césares. Teatro e Moralidade nas Vidas Suetonianas*, Coimbra, 2009). É mesmo enumerada uma série de pormenores preferidos por Plutarco, e até por Tácito, como operações e procedimentos militares, mas preteridos por Suetónio. Este último historiador concentra a sua atenção na pessoa do biografado, silenciando figuras que tiveram um papel fundamental em torno do protagonista. Diferentemente, Plutarco explora os momentos bélicos e governativos que envolvem os generais protagonistas e os seus opositores. J. L. Brandão tradu-los com interessante leveza e refere-se a alguns deles citando mesmo alguns exemplos nos capítulos introdutórios desta sua mais recente publicação, como os casos de Virgínio Rufo, comandante do Exército da Germânia Superior, que se desligara de Nero e agia por conta própria na Gália; a batalha de Vesonção, entre os exércitos de Virgínio e Víndex, seguida do suicídio do último (*Galba* 6); o anúncio da morte de Nero, pela boca de Ícelo, liberto de Galba; e a chegada dos mensageiros oficiais, comandados por Tito Vínio (*Galba* 7); o abuso de poder de Ninfídio Sabino, o prefeito do pretório, que em Roma concentrou em si muitos serviços, convencido que devido à idade avançada de Galba este dificilmente se deslocaria a Roma (*Galba* 8.1); o desmerecimento das boas propostas

do imperador Galba por parte de Vínio (*Galba* 17.1); os bastidores dos interesses sobre a adopção de um sucessor do imperador (*Galba* 19.1-2); o envio de Pisão junto da corte pretoriana de guarda ao palácio (*Galba* 25.8).

Quanto à *Vida de Otão*, assaz reduzida em relação à de *Galba*, o que mais sobressai na narrativa de Plutarco é a sua ascensão pouco honrosa (*Otho* 3.12-13, 4.1) e o seu desaire militar vertiginoso em que o seu adversário Vitélio ganha terreno e adeptos, depois das tropas de Otão e Vitélio se terem confrontado no campo de batalha. Esta narrativa evidencia a pouca notoriedade da sua actuação governativa, assim como a sua curta duração («Otão morreu aos trinta e sete anos de idade, depois de governar três meses», *Otho* 18.3), e ainda as dificuldades em manter o poder nas suas mãos, porque pouco tempo depois de tomar conta do poder o seu futuro torna-se incerto (*Otho* 9.2). Assim como ele fora uma ameaça à governação de Galba, também Vitélio cedo se torna numa sombra para si (*Otho* 4.2). Depois de um acordo diplomático entre Otão e Vitélio para uma convivência salutar, a desconfiança abre um fosso entre os dois e a ambição do segundo afasta a hipótese de cooperação (*Otho* 5).

Como reforça J. L. Brandão, «nas *Vidas* de Galba e de Otão, Plutarco parece, pois, fazer concessões à história, dada a natureza das acções que rodearam o aparecimento de quatro imperadores [*sc.* Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano] em tão curto espaço de tempo» (p. 22). Teria sido interessante poder contar com as restantes *Vidas dos Césares* para confirmar a ideia lançada pelo biógrafo de Queroneia no primeiro capítulo da *Vida de Galba*, onde procura as razões que motivaram aqueles tempos de crise (cf. p. 13). Aí, nesse primeiro capítulo, J. L. Brandão já encontra a justificação suficiente para aquele período tão condensado de atritos e dissensões. Não será demais recordar o passo referido na tradução de J. L. Brandão: «o soldado mercenário é atreito às riquezas e aos prazeres, de modo que, ao aplicar-se em buscar os recursos para os seus apetites, combate de um modo mais temerário, enquanto a maior parte das pessoas pensa que os soldados, como um corpo instável, nunca devem mover-se por recurso ao próprio impulso mas ao do general. ... Ora diversos acontecimentos, e em particular os que sobrevieram aos Romanos depois do fim de Nero, são testemunho e exemplo de que nada é mais terrível, no império, do que uma força militar que segue impulsos rudes e irracionais» (*Galba* 1.1-4) (cf. p. 45).

Em relação à arte da tradução, esta por vezes tem de deixar de estar demasiado presa ao original e adaptar-se à língua da tradução e tornar-se suficientemente explícita e autónoma para um qualquer leitor da língua

traduzida. Com este simples acto pretende-se que o texto traduzido ganhe um corpo semântico autónomo e que a história biográfica por si traduzida se aproxime o mais possível do pensamento do seu autor. Por vezes, para que o original mantenha a sua precisão e coerência é necessário que a tradução que dele se faz contribua com ligeiras explicitações e ajustamentos que o façam ser inteiramente perceptível (cf. p. 96).

Uma bibliografia sumária mas essencial encerra este volume. Este capítulo final condensa os principais espécimes de publicações sobre os autores que dedicaram a sua escrita às figuras de Galba e de Otão.

Através deste trabalho de J. L. Brandão, ficamos com uma ideia precisa das narrativas que Plutarco deixou sobre os imperadores Galba e Otão que ficaram «ligados à história da Península Ibérica» (p. 7). Estas biografias do Queronense reflectem aspectos da vida privada e da vida pública dos seus protagonistas e dos seus adversários. Querelas, intrigas, mal-entendidos e inimizades fazem parte da história do Império Romano que sucedeu a Nero. Este conjunto de atritos marca um período em que a perfídia é mais forte que a confiança e que paulatinamente define a conclusão da dinastia Júlio-Cláudia.

A cobiça e a ambição pelo poder do império contaminou o bem-estar colectivo e arruinou um dos seus principais propósitos, nomeadamente o de unir diferentes povos e regiões em torno de um espírito pacífico com vista a alcançar uma convergência e um engrandecimento cultural.

ANA LÚCIA CURADO

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do Grego, Introdução e notas de A. M^a. Guedes Ferreira, Universidade do Porto, y Á. Rosa Conceição Rodrigues, Universidade de Coimbra, Coimbra 2010.

Formando parte de una utilísima *Colecção de Autores Gregos e Latinos. Série Textos*, editada por el Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos de la Universidad de Coimbra, este manejable y cuidado volumen se integra igualmente en un proyecto científico (*Plutarco e os fundamentos da identidade europeia*) financiado por la Fundação para a Ciência e a Tecnologia, incrementando así el número de volúmenes publicados desde el 2008 por dicho Centro que responden a uno y otro designios. Esta doble